

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DANIELA APARECIDA ROQUE

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DANIELA APARECIDA ROQUE

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2006



**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Roque, Daniela Aparecida  
R685m A música na educação infantil : memorial de formação / Daniela  
Aparecida Roque. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade  
Estadual  
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de  
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.  
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade  
Estadual de

A Deus, aos meus pais, e à minha  
avó.meus verdadeiros educadores!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre estar comigo, em todas as situações! Por me preencher, por me encorajar a chegar até o fim desse curso!

A meus pais Anízio e Maria Andereza, à minha avó Aparecida, e à minha tia Marcolina, que sempre me apoiaram, rezaram, incentivaram, choraram, torceram pela conquista de mais uma graduação. Vocês moram em meu coração!

Às minhas amigas de classe, especialmente Cida, Lê, Dri, Cleide. Teremos saudades dos momentos vividos! Foi bom termos nos conhecido!

À equipe da EMEI Raio de Sol, e à Roberta (você ainda faz parte de nossa equipe!) que me ajudaram muito na descoberta da Educação Infantil, e que me apoiaram muito para a concretização desse curso!

A todos os meus amigos pelo apoio, e pelas baladas, para descontrair!!!! E tome descontração nisso!

Aos professores, que nos tiraram os véus (não é Rosarinho?!), e nos apresentaram um mundo florido, porém como toda flor, com espinhos que um dia quem sabe serão arrancados da nossa realidade.

Às crianças, em especial aos meus alunos, que me ensinam diariamente a beleza de viver, que rir é o melhor remédio.

Enfim, aos que acreditaram em minha competência, e aos que ainda não enxergam que alegria, não é sinônimo de desleixo!

*“Eu sou a música; das artes, a mais antiga. Eu sou mais que antiga, eu sou eterna. Mesmo antes da vida começar nesta Terra, eu já estava aqui – nos ventos e nas ondas. Quando as primeiras árvores, flores e pastos apareceram, eu estava entre eles. E quando o ser humano surgiu, tornei-me imediatamente o veículo mais delicado, mais sutil e mais poderoso para a manifestação das emoções das pessoas.*

*Quando os seres humanos eram pouco mais que animais, eu os influenciei de forma benéfica. Em todas as eras, inspirei-os com esperança; inflamei o seu amor; dei-lhes voz para suas alegrias; estimulei-os para realizarem valorosas façanhas; e os consolei nas horas de desespero. Representei um grande papel no drama da vida, cujo alvo e propósito eram a grande perfeição da natureza humana. Graças à minha influência, a natureza humana elevou-se, abrandou-se e tornou-se uma Arte Superior. Possuo uma grande quantidade de vozes e de instrumentos. Estou no coração de todas as criaturas humanas e nas suas línguas, em todas as terras entre todos os povos; o ignorante e o analfabeto me conhecem, tanto quanto o rico e o erudito, pois eu falo a todos, numa linguagem que todos entendem. Até os surdos conseguirão me escutar, se prestarem atenção às vozes de suas próprias almas. Sou o alimento do amor. Ensinei aos seres humanos a delicadeza e a paz; e os conduzi na direção de feitos heróicos. Levo conforto aos solitários e concilio os conflitos das multidões. Sou um luxo necessário a todas as pessoas. Eu sou a “MÚSICA.”.*

## SUMÁRIO

Apresentação.....	7
1. De criança a pedagoga, uma opção precoce. ....	8
2. Educação Infantil, base para a vida .....	11
2.1 Conceituando a infância.....	11
2.2 História da Educação Infantil .....	16
3. Música para todos os ouvidos.....	22
3.1 Um breve histórico da música.....	23
3.2 Música no Brasil: Lazer ou arma?.....	24
4. A Música na Educação Infantil.....	29
Considerações finais.....	39
Referências bibliográficas.....	40

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, apresentar a música na educação infantil, além de cumprir com a exigência de apresentar um memorial de formação, para a conclusão do curso de pedagogia da faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas.

Será que sabemos usar a música em sala de aula? Será que pensamos sobre cada letra das muitas músicas que utilizamos? Adequamos à realidade das crianças esse trabalho? Contemplamos todos os gêneros musicais? Ensinamos os nossos alunos a valorizar a música brasileira? Afinal sabemos o que é Educação Infantil, e o que se passa nesse nível de ensino, ou achamos que lá só se praticam brincadeiras aleatórias, que preenchem o tempo da criançada, enquanto estão sob nossos cuidados? Sabemos o que é, e como utilizar a música? Tem um jeito certo ou errado de se utilizar a música na educação infantil?

No primeiro capítulo será contextualizada um pouco de minha prática pedagógica, meu percurso no exercício do magistério.

No segundo capítulo o leitor poderá deleitar-se com o conceito de infância e a história da educação infantil. Convido-o refletir nesse capítulo sua prática em sala de aula. Valorizarmos a infância de nossos alunos?

No terceiro capítulo, veremos a história da música desde os primórdios, a história da música no Brasil e o poder dominador dessa doce música. Veremos que simples músicas podem influenciar até na dominação de um país.

A culminância deste vem no quarto capítulo, onde serão relacionados música e educação infantil. Músicas, histórias serão pontuados neste trabalho, iluminando o texto.

Ouçã o som que há em você e penetre nesse mundo mágico da... ***MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL!!!!!!!!!!!!!!!***

## **1. DE CRIANÇA A PEDAGOGA, UMA OPÇÃO PRECOCE.**

Nascida em Campinas, em 1/05/1980, cresci com uma referência em educação muito positiva, pois minha mãe era professora, e uma excelente professora por sinal, e meu pai sempre gostou muito de estudar. Também sempre fui muito estimulada por minhas avós (semi-analfabetas), “a estudar pra ser alguém na vida!”. Jargão bem conhecido não acha?

Desde criança, brincava de “casinha”, “escolinha”, com direito a giz, lousa, cadernos e tudo mais, vivenciando, representando e aprendendo com o faz de conta, tal qual nos prescreve cientificamente Vigotsky em seu livro “A formação social da mente” (VYGOTSKY, 1998).

Conheci a escola pública por meio das visitas que fazia onde minha mãe lecionava, e quando fiz magistério no CEFAM (Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério). A exemplo da carreira que vi em casa, optei por dar continuidade. Os estágios eram deprimentes, não era permitido auxiliar a professora da classe; quando podia era solicitada no máximo para anotar o nome dos alunos na lousa, quando a professora se ausentava.

Como o CEFAM era de responsabilidade do Estado, não nos era permitido estagiar em escola particular, somente pública. Apenas uma vez um grupo da minha turma conseguiu estagiar numa escola particular.

A realidade era bem diferente da que eu vivi na minha infância. Assustava-me com os alunos, muitas vezes prepotentes, mal educados; quando percorri uma favela procurando escola para estagiar... Achei que não sairia viva! Havia certo preconceito em mim.

O estágio em educação infantil ficou limitado a um bimestre, com carga horária de quatro horas semanais. Talvez por isso hoje encontro dificuldade ainda em ser mais lúdica, e menos “conteudista”. Talvez por isso, muitos professores não valorizam a educação infantil, ou quando o fazem é quando realmente tomam contato com essa realidade.

Quando a adolescência está por acabar, todos os jovens recebem um “baque”. A FACULDADE. O que vou fazer? O que serei para o resto da minha vida? Não me imagino aposentada com isto, ou aquilo.

Prestei medicina, mas acabei cursando terapia ocupacional, que me deixou muitas marcas, tanto boas, quanto verdadeiras feridas. Paralelo à faculdade iniciei minha docência numa escola de periferia, que me fez crescer muito, que me fez romper com preconceitos já relatados.

A paixão pela docência crescia paulatinamente, assim como a experiência. Não foi fácil. Às vezes me deparava olhando para fora da classe como quando estava no estágio procurando a professora da sala para “dar um jeito na turma”, mas balançava a cabeça, como que recuperando a razão e via que *eu* era a professora.

Quando entrei na UNICAMP, para fazer o PROESF, muita coisa começou a mudar. Experiência, já não era muito que eu precisava já me sentia segura. O que eu queria era revolucionar o mundo, acabar com o neoliberalismo, impedir que crianças que não tinham condições de ir para a série seguinte fossem vítimas dos ciclos.

Porém os leões neoliberais famintos, sedentos de brasileiros ignorantes / submissos, venceram minha gana por mudança, e acabei por ficar falando sozinha no corredor, abandonada por uma coordenadora que por estar num cargo de confiança, era membro do time dos que chamo de leões.

Em 2004, comecei a lecionar na Educação Infantil. Foi um pouco complicado para mim, pois não conseguia contemplar muito o lúdico, ainda estava naquele “esquema conteudista”, como diria uma colega de trabalho.

Em Campinas, os professores que já estavam na Educação Infantil, também passavam por um momento delicado, pois havia ocorrido uma mudança na organização das escolas. O maternal, infantil e pré, deram lugar aos agrupamentos. Os alunos passaram a ser agrupados pela idade.

Não posso dizer que superei essa fase de conteúdo maciço, em cima de tão pequenas crianças, porém melhorei muito, tendo como base quando ingressei na educação infantil.

Posso dizer que por meio da prática com essas crianças, cresceu imensamente o meu amor por essa faixa etária. Não me imaginava longe da minha terceira série, longe de lousas e mais lousas, atividades mais atividades. A educação infantil me devolveu

um olhar que o currículo do ensino fundamental me tirou: não via mais as crianças como crianças, e sim como máquinas de copiar, raciocinar e exercitar.

Considerava a educação infantil, uma perda de tempo, um lugar em que as crianças só brincavam, por brincar, e não faziam mais nada. Hoje eu a valorizo muito, e convido as pessoas que não descobriram esse universo, a descobri-lo. Até mesmo a visão do brincar mudou muito.

A mudança foi tanta que até mudei o assunto a ser tratado no memorial. Desde que entrei no PROESF, tinha como tema: A função do coordenador / orientador pedagógico, pois sempre me questioneei se ser um orientador é levar mensagens em reuniões pedagógicas, é encapar livro ponto como eu os vi fazendo. Porém resolvi unir minha paixão pela música, e pela educação infantil, e estudar a possibilidade desses dois universos juntos!

No próximo capítulo, apresentarei algumas considerações a respeito do mundo mágico da Educação Infantil, sua história, percurso, como a sinto hoje.

## 2. EDUCAÇÃO INFANTIL, BASE PARA A VIDA.

Acredito que é necessária uma breve contextualização a respeito da educação infantil, visto que o presente trabalho irá retratar a música dentro desta realidade. Muitos professores de Educação infantil, provavelmente desconheçam esse percurso, e acabam por reproduzir com os pequeninos o que se faz no ensino fundamental: livros, matérias, exercícios, etc.

A educação infantil como conhecemos hoje, é muito importante como base para a criança enquanto cidadã e enquanto base para as séries iniciais. Porém este último item não é via de regra, como pensam muitos professores de primeira série, como eu já pensei um dia.

Mas nem sempre a educação infantil foi assim, visto que antes do século XVI aproximadamente a criança aprendia por meio do convívio social, em meio a adultos, crianças, enfim, pessoas de várias faixas etárias.

A educação só começou a sistematizar-se como escola, quando se “*modificaram as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância que foi dada ao momento específico da infância*” CRAIDY, (2001, página 14). Sendo assim opto por contextualizar primeiro a infância, para depois, neste mesmo capítulo, tratar da questão da Educação Infantil.

### 2.1 CONCEITUANDO A INFÂNCIA

*Tribalistas - Velha Infância*

*by Tribalistas*

*“Você é assim*

*Um sonho pra mim*

*E quando eu não te vejo*

*Eu penso em você  
Desde o amanhecer  
Até quando eu me deito*

*Eu gosto de você  
E gosto de ficar com você  
Meu riso é tão feliz contigo  
O meu melhor amigo é o meu amor*

*E a gente canta  
E a gente dança  
E a gente não se cansa*

*De ser criança  
Da gente brincar  
Da nossa velha infância*

*Seus olhos meu clarão  
Me guiam dentro da escuridão  
Seus pés me abrem o caminho  
**Eu sigo e nunca me sinto só***

O que é a infância? Será que já a dominamos? Porque se pesquisar tanto a infância? Será que damos conta da infância das crianças que chegam até nós? A inquietação do adulto, sobre a infância se dá por conta de que esta não está cem por cento ao alcance de nosso poder e não está cem por cento absorvida em nosso saber. É importante considerar que a infância, ou o conceito de, varia conforme a época.

No dicionário Aurélio, (1986, pg. 942), a infância é descrita da seguinte forma:

*“Período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade; meninice, puerícia... Período de vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo os*

*caracteres anatômicos, fisiológicos e psíquicos, se divide em três estágios: primeira infância, de zero a três anos; segunda infância, de três a sete anos; e terceira infância, de sete anos até a puberdade.”.*

O recém nascido, é o reflexo de nós mesmos, pois devido à sua fragilidade, não se opõe ao poder e ao saber que exercemos sobre ele, durante essa fase inicial da vida. Nessa visão, a infância não pode ser definida segundo nosso olhar, mas ela se define e salta aos nossos olhos, como algo novo, inesgotável.

O nascimento gera um sentimento de novidade, de mudança, ameaçando assim todos aqueles que são contrários à mudança. Esse sentimento acaba gerando uma ação negativa, que é o *infanticídio*. Ou seja, temendo mudanças, matam-se crianças em larga escala, como fez Herodes, Hitler, Stalin, a fim de que fosse mantido o seu poder.

Houve um tempo em que se cometiam crimes contra as crianças denominado infanticídio. Nessa época era comum, crianças morrer sufocadas no leito dos pais, como se fosse um acidente. Mesmo com punições severas, esse “acidente” ocorria de maneira velada, como se ninguém soubesse sua etiologia. A morte de uma criança não era motivo para tristeza sem fim, pois facilmente essa criança era substituída.

Na sociedade medieval, a criança era considerada como um adulto em miniatura, não havia o conceito de infância. A educação se dava pelo convívio com os adultos, quando a criança já tinha idade e condições mínimas para ficar no meio deles.

Na época do renascimento, nasce o sentimento de família, mas com uma preocupação evidente: a atenção dada à criança era considerada “paparicação” e podia gerar conseqüentemente a uma criança mal educada. O que se temia na verdade, era que ocorresse o extremo inverso da época medieval, como que para compensar aquela época de desvalorização da infância. Tanto que quando passaram a voltar-se para a criança, a olhavam tal qual um cão amestrado, que fazia gracinhas, estripulias, e passada essa fase, a criança passava a ser considerada como pessoa.

Contudo no século XVIII, como ressalta Áries, infância e a família tornaram-se um assunto importante na sociedade, e a criança por sua vez tornou-se o centro da família. Ainda hoje ocorrem muitos desses episódios, onde crianças são abandonadas, assassinadas, porém o conceito de infância mudou. Agora abandono é crime, passível de detenção, a mãe é submetida (quando comprovado disfunção psíquica) a tratamentos.

Onde trabalho mesmo, essa ambigüidade de sentimentos em relação à criança, à preservação de uma boa infância, ainda ocorre. Vejo crianças que recebem uma educação onde há essa preocupação com a infância, com o brincar, com o crescimento paulatino respeitando a idade da criança, comemorando cada descoberta.

Por outro lado, há famílias que levam seus filhos à escola, e consideram que estão fazendo muito por eles. Lembro-me de uma criança que com seis anos de idade, tinha uma fala bem primitiva para sua idade, não sabia como brincar, o que era brincar, não possuía sequer brinquedos. Na escola ele começou a ter contato com essa realidade, que aos seus olhos, pareciam outro mundo, um mundo mágico.

Atualmente, a infância também perde seu espaço por conta das necessidades da sociedade, ou seria da crise da sociedade? Crianças têm sua infância trocada pela capacitação maciça visando o futuro: têm que estudar fazer inglês, computação, esportes, para que cresça saudável, para que domine os instrumentos que usará futuramente no mercado. Seria um retorno ao adulto em miniatura, ao se preparar tanto a criança para ser “alguém na vida”, para não passar dificuldades quando crescer? Vejo aí uma preocupação intensa com o amanhã, mas com a infância, com o presente, nada.

Não posso esquecer daquelas crianças que são obrigadas a trabalhar, em semáforos, como engraxates, em carvoarias, etc., visando complementar a renda da família. Muitas vezes o trabalho acontece na própria casa, a família inteira está envolvida. Sem contar quando a criança tem que realizar todas as atividades domésticas, contrário da música abaixo:

### **Criança Não Trabalha**

(Arnaldo Antunes)

Lápis, caderno, chiclete, peão

Sol, bicicleta, skate, calção

Esconderijo, avião, correria,

Tambor, gritaria, jardim, confusão

Bola, pelúcia, merenda, crayon

Banho de rio, banho de mar,

Pula sela, bombom

Tanque de areia, gnomo, sereia,

Giz, merthiolate, band aid, sabão

Tênis, cadarço, almofada, colchão

Quebra-cabeça, boneca, peteca,

Botão. pega-pega, papel papelão

Criança não trabalha

Criança dá trabalho

Criança não trabalha

1, 2 feijão com arroz

3, 4 feijão no prato

5, 6 tudo outra vez

Pirata, baleia, manteiga no pão

Seja estudando, seja trabalhando muitas de nossas crianças não tem direito a viver sua infância plenamente, como diria (Marcellino, 1990), a criança passa por um processo em que poderíamos chamar de o “furto do lúdico”, onde não se pode brincar, somente atender aos comandos do adulto, que olha para aquela criança e fica a imaginar seu futuro, não se importando com o presente como já fora dito.

No texto “Esqueceram de mim e Bad to the Bone: o advento da infância pós-moderna” de (Kincheloe, 2001), pude ver que não só os pais são responsáveis diretos por esse furto do lúdico, por minimizar a infância. Mas na atual conjuntura da economia, muitos pais são obrigados a trabalhar demasiadamente, fazendo com que crianças pequenas cheguem da escola e tenham que ficar sozinhas até que os pais cheguem.

Inclusive nas discussões durante esse texto, durante a aula da professora Rosely (da disciplina educação de zero a seis anos), muitas das alunas afirmaram que passam por essa realidade, ou passam pela situação de ter que deixar o filho aos cuidados de vizinhos, parentes, às vezes até com outros menores de idade.

Isso compromete a infância da criança, pois é bem sabido que uma criança que vive sua infância ao lado dos pais (ou pelo menos um deles), dada a mudança na estrutura familiar), tem a tendência de ter um desenvolvimento positivo. Não defendo em hipótese alguma maus tratos, mas já ouvi histórias (quando fiz parte do projeto de orientação sexual na Prefeitura Municipal de Campinas), que mesmo sob maus tratos a criança prefere a família do que outras pessoas, que não o são.

*“A nova era da infância – a infância pós moderna – não pode escapar da influência da condição pós-moderna com a sua mídia de saturação eletrônica”* (Kincheloe, 2001, pg 74). Muitas vezes por mais que os pais dêem condições para que seu filho tenha uma infância onde eles estejam presentes, com direito ao brincar sem obrigações demais, a mídia acaba por influenciar um amadurecimento precoce.

Muitos pais não se dão conta, mas quando as filhas influenciadas pela televisão desejam comemorar seu aniversário em salões de beleza, estão tornando precoce e exacerbada a vaidade delas, adiantando o amadurecimento (se for ver até sexual, pois acredito que a vaidade faça parte da sexualidade) de suas crianças.

Não defendo aqui que a criança cresça dentro de uma redoma, longe de tudo e de todos que vão além de sua idade, não defendo que as crianças sejam separadas dos adultos, como nos relata Áries (1981), tal qual nos séculos XIX. Apenas julgo que a

criança tenha direito a viver sua infância com dignidade, que pais e educadores se preocupem com o presente sem sobrecarregar a criança com responsabilidades demais e brincadeiras de menos; onde a criança possa sonhar, fantasiar, viver sua afetividade, brincar.

## 2.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Anterior à educação infantil, a educação básica (ensino fundamental hoje), não surgiu por acaso, mas emergiu conforme a necessidade da sociedade, incluindo disputas de poder, ou de acordo com a ambição de cada país.

Sendo assim, pude observar ao ler Craidy, que vários foram os fatores que auxiliaram no incentivo à alfabetização mínima, como consta nos três parágrafos abaixo:

No caso dos países da Europa, eram necessárias pessoas que passassem pelo processo de escolarização para que auxiliassem nas descobertas de novas terras, visando a exploração. Nada mais é hoje em dia, do que o preparo para o mercado de trabalho. Embora hoje graças ao neoliberalismo, isso ocorra de maneira alienada, onde praticamente o preparo para o mercado de trabalho, está voltado para a submissão (eu diria que quase escravo);

As igrejas Católica e Protestante necessitavam de fiéis que dominassem a linguagem escrita para sobressair perante a “Igreja concorrente”;

Com a chegada da indústria, profissionais alfabetizados ganharam espaço na disputa por emprego.

Quanto à educação infantil, podemos vê-la “*em um sentido bastante amplo, envolvendo toda e qualquer forma de educação da criança na família, na comunidade, na sociedade e na cultura em que viva.*”. (KUHLMANN JR, 2000, pg 479)

Dentre as causas do crescimento da educação infantil, não mais no mundo como foi falado no ensino fundamental, mas especificamente no Brasil, pode-se destacar:

A possibilidade dos pais exercerem atividade remunerada. Principalmente com a nova concepção do papel da mulher na sociedade, atrelado à aceitação de sua inserção no mercado de trabalho;

Antecipação do desempenho escolar (leitura, escrita e cálculo);

Considero importante pontuar que a educação infantil conquistou seu espaço, também graças às...

*“... mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade: pela incorporação das mulheres à força de trabalho assalariado, na organização das famílias, num novo papel da mulher, numa nova relação entre os sexos, para citar apenas as mais evidentes. Mas, também, por razões que se identificam com um conjunto de idéias novas sobre a infância, sobre o papel da criança na sociedade e de como torná-la, através da educação, um indivíduo produtivo e ajustado às exigências desse conjunto social”. (CRAIDY, 2001, pg. 15)*

Vejo hoje onde trabalho, que os fatores que levam a criança à Educação Infantil, são vários: desde a formação do indivíduo como cidadão, o preparo para o mercado de trabalho, o preparo para a primeira série, ou mesmo para fugir de maus tratos da família, ou fugir das conseqüências das desigualdades sociais, como a fome, por exemplo.

Alguns pais também vêem a escola como um espaço aberto para que seu filho receba dos profissionais, o cuidar e o educar, enquanto procuram emprego. Isso ocorre assim neste momento, pois a vaga na escola de zero a seis anos não é mais um direito dos pais / responsáveis, mas sim um direito da criança, onde esta come, brinca, aprende, se socializa, se desenvolve, etc...

Ressalto que o espaço da educação infantil foi criado pensando primeiramente na organização social, e de seus membros (como dito acima), e não priorizando a criança.

Atualmente ocorre o inverso: a educação infantil é um direito da criança, conforme a lei 9.394 / 96, das diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelece no artigo 4º, IV: *“ela é um direito da criança de 0 a 6 anos e um dever do Estado que se efetiva mediante atendimento em creches e pré-escolas”* (FARIA 2005, pg. 102).

Embora a mesma lei descarte a possibilidade da obrigatoriedade da educação infantil, e ao mesmo tempo afirma que esta é um direito das crianças, vale-se ressaltar que muitas crianças não gozam desse direito por falta de vagas, como em Campinas, por

exemplo, principalmente nas escolas de periferia. Muitas famílias acabam por custear a entrada no ensino básico, arcando com as responsabilidades que perante a lei são do Estado.

Enquanto alguns pais optam por deixar seus filhos sob os cuidados de uma escola particular, os poderes públicos quando pressionados, superlotam salas de aula, com crianças pequenas, desrespeitando seus direitos, comprometendo à vezes o direito da criança viver plenamente sua infância.

E o interessante também é que mesmo a educação infantil, vindo ao encontro das necessidades da sociedade e não da criança, ela ainda funciona como aparelho ideológico do Estado, reproduzindo a realidade social.

Digo isto, baseando-me nas palavras de Castro (1983), onde ela refere que a educação infantil era luxo para os ricos, enquanto que era considerada filantropia para os pobres. A própria procura por vaga mostra os interesses de cada classe social, e o que lhes é oferecido: os ricos buscam uma escolarização precoce. Numa linguagem mais atual, eu generalizaria assim: os pobres buscam o cuidar e os ricos o educar.

Não que o inverso não ocorra. Mas muitas instituições discernem bem estas ações de acordo com a classe social atendida. Percebo por exemplo, que muitas das escolas particulares priorizam a alfabetização, impedindo que crianças de quatro, cinco seis anos vivam sua infância, dando poucas opções para o brincar, etc...

Não culpo esta ou aquela classe social, pela opção de sua procura, visto que muitos o fazem inconscientemente (muitos não quer dizer todos!), mesmo porque a educação perdeu a pouquíssimo tempo seu caráter assistencialista. Segundo Marilda Bruno (2003), essa característica da educação infantil, deixou de estar presente, pelo menos teoricamente, com a Constituição de 1988.

No mesmo texto a autora lembra que a Constituição e a LDB prescrevem que a educação infantil “tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0-6 anos, com a promoção de aspectos físicos, psicológicos, sociais, intelectuais e culturais.”, no ano de 1996.

Apesar dessas regulamentações governamentais, registro que fiquei impressionada quando li a história da educação infantil, e vi que as creches outrora já teve a cunha de asilo da primeira infância, ou seja, um espaço destinado à crianças de 0-3 anos. Enquanto que as escolas que hoje chamamos de EEI (Escola de Educação Infantil), ou a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) eram chamadas de asilo para a segunda infância.

Meu espanto se refere ao nome “asilo”. A impressão que me remete é que as escolas de educação infantil eram verdadeiros asilos de crianças e não uma escola que promovesse o desenvolvimento global da criança, tal qual é hoje em dia. Porém esse nome é derivado das escolas da França, que posteriormente passaram a se chamar de escolas maternas.

Se faz necessário frisar, que desde o início a obrigatoriedade não se fez presente na educação infantil, como ocorre no ensino fundamental. Tanto que a prioridade era que a criança passasse sua primeira infância com a mãe.

Nessa época a creche tinha um caráter de subordinação aos órgãos de saúde, além de ser assistencialista contrário do que vemos hoje como fora dito anteriormente. O direito à escola era da mãe, prioritariamente a mãe que tivesse que trabalhar. Crianças na faixa etária da primeira infância tinham direito à escola, somente quando eram abandonadas.

(Kuhlmann Jr, 2000) relata em seu texto “Educando a infância brasileira”, que os Jardins de infância no Brasil, têm sua estrutura copiada / semelhante às da França e da Bélgica. Infelizmente o Brasil não acredita em seu potencial, não enxerga que existem muitos pensadores, professores, educadores que podem sim construir um modelo de educação de qualidade, sem ter que ficar plagiando idéias estrangeiras que não condizem com a nossa realidade.

Embora demasiadas vezes isso não ocorra por interesse do Banco Central, FMI, como fora discutido nas aulas de história da educação, e política educacional na UNICAMP. E o resultado está aí: estamos sendo colonizados novamente, paulatinamente, permitindo a privatização de conquistas nossas, com o aval de nossos belos representantes. Não parece, mas parte disso começa na educação: não se arrisca a criar um modelo, um currículo próprio, quando se inicia um, leva anos para terminá-lo, aceita-se qualquer coisa que venha de fora, mesmo que lá já não dê mais certo, e assim caminhamos retrocedendo a cada dia que passa.

Um exemplo muito preciso disso, está na educação infantil. Ela surgiu como já disse posterior ao nascimento da escola, hoje ensino fundamental, que emergiu em meados dos séculos XVI e XVII, conforme nos relata Craidy. No Brasil a referência de creches aparece no período republicano, muito depois dos outros países.

Segundo Kuhlmann Jr (2000), a primeira creche, instalada a uma fábrica de tecidos, foi inaugurada em 1899, no Rio de Janeiro. Tardamente, se compararmos esse dado com outros países. Por volta de 1975, podia-se contar 9158 unidades pré-escolares,

embora metade desse número seja de escolas particulares. E esse número segundo o que diz CASTRO (1983) é insignificante, mediante a demanda que existia na época.

Lendo isso, reflito e vejo que não houve muitos progressos neste aspecto, pois ainda hoje, em pleno século XXI, as vagas oferecidas para crianças em nível de educação infantil, são inferiores à demanda, tal qual no século passado! Ainda hoje, volto a falar, quando pressionado o governo superlota classes com crianças pequenas, tornando a realidade tanto delas, como a dos professores, e demais envolvidos no processo, pior que a situação das crianças do ensino fundamental, que já são maiores.

E o descaso, ou a pouca importância dada à educação infantil, é nítida. Por exemplo, no ano passado o poder legislativo elaborou uma lei, que limita o número de crianças nas salas de aula. Caso as escolas excedam o número de alunos por sala, o governo teria que tomar providências como, por exemplo, criar mais escolas.

Se a lei saiu do papel, não tomei conhecimento, mas o que vi foi que só a fizeram pensando na primeira série em diante. Não me recordo se a educação de jovens e adultos foi contemplada, mas a educação infantil não foi citada. Enquanto a lei prevê que em uma primeira série não se pode matricular mais de vinte e cinco alunos por sala, tenho em minha sala de aula, trinta alunos matriculados, correndo o risco de matricular mais caso esteja ocorrendo muitas ausências durante a semana.

Só por esse episódio, vemos que a educação infantil, que há muito se instalou no mundo, ainda engatinha no Brasil. Muitos professores, em especial os de primeira série, desconhecem o trabalho realizado na educação infantil, achando que os recursos que utilizamos como brincar, a dança, a música, as linguagem da criança são banais. Muitos educadores acham ainda que não se faz nada na educação infantil.

Não vou longe não! *Eu*, já pensei assim! Agora imagine só: se nem os próprios educadores, dominam o que se passa na educação infantil, como melhorar o sistema de ensino, como cobrar dos nossos representantes que invistam mais, que prestem mais atenção às políticas públicas voltadas para a educação infantil? Se os educadores não sabem o que se passa, imagina quem está longe da sala de aula?

A história da educação infantil iniciou-se muito timidamente no Brasil, porém anda de certa forma decadente, havendo poucos progressos. Faz-se necessário repensar esta história e mudar “o rumo” da educação infantil, visando maior qualidade de educação, visando possibilitar na prática que nossas crianças tenham condição de vivenciar o lúdico, revertendo isso num bom ensino fundamental também. Não quero

dizer que a educação infantil tenha a obrigação de preparar o aluno para o fundamental, mas ela é a base da criança, tanto enquanto estudante, como cidadã.

Na educação infantil, vive-se o presente intensamente, contrariando o que foi dito no texto furto do lúdico, sem se preocupar com o futuro. Embora isso seja revertido positivamente para a criança e para sociedade no futuro.

Pode-se dizer que quando a criança chega ao mundo, este já está pronto! Quem chega tem que adaptar-se a ele, portanto, segundo Craidy (2001), a criança não cria, mas sim recria a partir do que já está pronto!

Sendo assim, seguindo por esta linha de pensamento, cabe à educação possibilitar que o educando produza sentido, crie significado. Frente a essa afirmação posso afirmar que a educação não tem como papel de mera transmissora, mas sim o repensar, o significado dessa cultura.

Uma observação importante que se deve fazer é que a educação infantil envolve o cuidar e o educar, ou seja, trabalhar as questões de higiene, alimentação, sono além das questões das interações com as pessoas, atribuindo significado a tudo que a cerca, possibilitando a participação de experiências culturais próprias de seu grupo. Sendo assim, deduzo que a educação ocorre num ambiente de cuidados.

Na educação infantil os educadores, devem gerar situações em que a criança possa apreender o domínio do próprio corpo, além do desenvolvimento das linguagens, da sensibilidade, do domínio do espaço, das modalidades expressivas. Deve haver um espaço para a curiosidade, o desafio, onde tenha direito de viver sua infância, onde seja acolhida, e tenha segurança.

### 3. MÚSICA PARA TODOS OS OUVIDOS

Muitas são as linguagens que nos cercam. Pode ser a linguagem escrita, a plástica, oral, corporal, musical, enfim, fazemos, vivemos, construímos e usamos diversas delas, seja no trabalho, no lar, onde quer que estejamos. No dicionário Aurélio (1986, pg 1.035) a linguagem é definida como:

*“Todo sistema de signos que serve de meio de comunicação entre indivíduos e pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos, o que leva a distinguir-se uma linguagem visual, uma linguagem auditiva, uma linguagem tátil, etc., ou ainda, outras mais complexas, constituídas, ao mesmo tempo de elementos diversos.”*

Diz-se que *“uma das linguagens menos socializadas no Brasil, é a musical.”* Suzigan (1990, pg 9), isso não deveria ocorrer, visto que a música não é uma coisa única, ela é formada por uma série de conhecimentos, de habilidades, sendo assim deve estar ao alcance de todos.

Dentre as funções da música, pode-se destacar a de ser um meio de comunicação e de ser arte. Arte que só cresce quando está acessível a todos, pelo menos através da educação.

Assim como tudo nesse mundo, a música é utilizada de acordo com o interesse de quem a ouve, ou a faz ser ouvida. Por exemplo, em um supermercado, quando se quer estimular os clientes a comprar bastante, a música de fundo, é agitada, agressiva. Quando se pensa em fazer um relaxamento, seja na sala de aula, ou em um consultório, a música é mais calma, mais tranqüila.

Um profissional da educação pode utilizar uma determinada música como instrumento auxiliar para a discussão de um conteúdo em sala de aula. Como por exemplo: uma das maneiras que utilizo para trabalhar as partes do corpo é a música Cabeça, ombro joelho e pés:

*“Cabeça, ombro joelho e pé  
Joelho e pé!  
Cabeça, ombro joelho e pé  
Joelho e pé!  
Olhos, ouvidos, boca e nariz,  
Cabeça, ombro joelho e pé  
Joelho e pé!!!!!!!!!!!!!!!”  
(Cultura Popular)*

Facilmente influenciada pela política, economia, assim como objeto de influência, a música é uma linguagem que reúne de maneira organizada e intencional, signos sonoros e o silêncio, dentro de um espaço, dentro de um tempo. Nessa organização destaca-se também a melodia, ritmo, harmonia.

### **3.1 UM BREVE HISTÓRICO DA MÚSICA**

Acredita-se que a música tenha iniciado sua história por volta de 4000 AC, de acordo com registros encontrados em forma de esculturas. Bibliografias consideram que a música teve seu início quando o mundo se fez mundo, por meio dos sons das águas, dos ventos, enfim toda a natureza teria colaborado com a música, desde os tempos mais remotos.

Na Grécia, a música teve seu início oficial, mesmo sem dominar a polifonia, que a combinação simultânea de diferentes melodias, cuja só se faz presente posterior à Idade Média. Seu desenvolvimento artístico, com uma técnica mais apurada deu-se por volta dos séculos XV e XVI.

Segundo Zampronha (2002, pg 93), “...os gregos foram os primeiros a possuir o que se convencionou chamar de ‘consciência científica’ e, por isso mesmo, também os primeiros a se valer da música sem implicações mágicas.”, ou seja, conseguiram pontuar algumas características da música, tais como: ordem, equilíbrio, harmonia, etc.

### 3.2 MÚSICA NO BRASIL: LAZER OU ARMA?

*Brasil*

*Cazuza*

*George Israel*

*Nilo Roméro*

*“Não me convidaram*

*Pra essa festa pobre*

*Que os homens armaram pra me convencer*

*A pagar sem ver*

*Toda essa droga*

*Que já vem malhada antes de eu nascer*

...

*Brasil*

*Mostra tua cara*

*Quero ver quem paga*

*Pra gente ficar assim*

*Brasil*

*Qual é o teu negócio?*

*O nome do teu sócio?*

*Confia em mim*

...

No Brasil, segundo Andrade (2003), a música começa a surgir no século XX. Veio juntamente, e/ou conseqüente à Revolução Industrial, impulsionada pela indústria fonográfica. Porém discordo de certa forma dessa afirmação.

Os povos indígenas sempre utilizaram música, em todos os seus rituais. Mário de Andrade (1976) relata que os povos indígenas faziam muita música, porém com menos recursos que os europeus, e com a finalidade de fazer parte dos rituais e demais ocasiões da tribo. Os padres jesuítas utilizaram a música para fazer dela um meio de

catequizar os povos indígenas e torná-los seres civilizados. Não é a toa que a música religiosa foi por muito tempo, difundida em nosso país.

Não só os povos indígenas, mas os negros que vieram para o Brasil, desde o século XV, utilizavam músicas em seus rituais, ou como paliativas a fim de matar a saudade que tinham de sua terra natal, ou ainda para distrair-se do sofrimento que os afligia. Uma das heranças deixadas pelos negros africanos é o samba.

Não é segredo para ninguém, que a cultura de nosso país sofreu influências e também é excludente, ou melhor, também delimita as classes sociais. Hoje em dia é comum relacionarmos a música clássica, a ópera à elite, ao passo que o funk é sempre relacionado às classes mais baixas de nossa sociedade, assim como é relacionado à violência, drogas, periferia, miséria.

Nada é por acaso! Os latifundiários, ou seja, a elite dos anos 20 elegeu para si a música de concerto / música clássica, comuns na Europa, assim como as óperas italianas. Ao passo que os camponeses optaram pela música sertaneja, onde mesclava-se influências indígenas, européias e negras. Nela expõe seus sentimentos, desabafos, enfim, sua vida.

O tempo não pára, mas as opções permanecem, e muitas vezes para demonstrar que se atingiu uma determinada classe, assumiam-se os gostos desta. Em si tratando da classe dos dominantes, por exemplo, optava-se pela música européia.

Por volta das décadas de 50, 60 o povo brasileiro começa a manifestar o desejo por uma cultura autônoma, ao invés do jeito copista do modelo europeu, que vinha acontecendo no Brasil até então, conforme nos relata Andrade (2003).

Eu particularmente, sou patriota, dou preferência às músicas compostas pelos músicos daqui, com o “jeitinho brasileiro”. Também não sou fanática, a ponto de não ouvir o que toca / o que é produzido fora do meu país, mas gosto de saber o que estou ouvindo.

Consciente ou inconsciente, o que se passou naquele desejo de ter sua própria cultura, foi na verdade um grito de independência, uma independência que vai além do papel. Nesse sentido posso dizer, que o “*domínio econômico é viabilizado pelo domínio cultural.*” Suzigan (1991, pg 23).

Sim. Por meio das influências culturais se conquista / coloniza países em desenvolvimento. A música é uma arma perfeita para que isso ocorra! Ligue o rádio agora! Conte quantas estações tocam músicas nacionais, quantas tocam músicas do

Chile, Japão, ou Cazaquistão, e quantas tocam músicas norte americanas. Quem ganhou em primeiro lugar?

Não precisamos ir longe! A música é uma arma de poder tamanho que podemos ver o governo fazendo uso dela para impor suas regras, como por exemplo, a música do livro didático, que qualquer criança sabe cantar: “*Um, dois, três, toma conta desse livro, no ano que vem ele vai ser meu...*”. Porém quando o povo a usa, para mostrar as fragilidades, as deficiências e pendências do governo, vem a censura. Não só na ditadura, mas em plena democracia.

Quem não se lembra quando o grupo pop Paralamas do Sucesso, teve sua música: “300 picaretas com anel de doutor”, barrada pelo poder público. Sem contar quando Gabriel o Pensador ousou falar, do governo Collor, da corrupção, do caixa dois da campanha pela presidência, de Paulo César Farias. Foi severamente censurado.

Vejamos... O governo proíbe músicas que tem tudo para alienar um povo, independente de seu vocabulário? Fale palavrão, fale pornografias, não importa. O importante é que não deturpe a “paz”, o importante é que não abra os olhos do povo. Sendo assim pode tocar livremente, para todas as idades. (Daqui a pouco meu memorial é que vai ser censurado!).

Um dos motivos pelo qual isso também se dá, é pela falta de divulgação da verdadeira música brasileira, tanto dentro quanto fora do Brasil. Ainda temos a mania de achar que o que vem de fora é melhor. Tanto o Brasil, como países estrangeiros devem identificar a música brasileira, enxergando nela seus sonhos, amores, desesperos, dores, do jeito do brasileiro.

Em minha opinião mostrar também os vários gêneros que são ouvidos aqui, para que não se caia novamente na idéia de que o Brasil só tem carnaval, samba. O mundo tem que conhecer nossa MPB, nosso jeito POP, nossa bossa nova, enfim, nosso jeito brasileiro de ser.

É importante ressaltar que o primeiro passo para ser reconhecido lá fora, é reconhecer a música brasileira aqui, valorizando-a. Outro passo é nos libertar da opressão política do tempo da ditadura, que vez por outra ainda de maneira velada / sorrateira aparece em nosso meio, através das censuras.

Quanto aos principais acontecimentos da música Brasil, Andrade (2003), destaca o canto português, que era de caráter instrumental, que ocorria somente em alguns lares. Também não fica à margem o fato de em 1730, Pedro Leam, dirigiu uma orquestra com

basicamente instrumentos de corda e sopro: violinos, violoncelos, flautas, clarinetas e gaitas de fole. Isso aconteceu na capitania da Paraíba-do-Sul.

A música religiosa que conforme já foi citado, dominou fortemente até meados do século XIX, por influência Européia. Contudo começou a ter um declínio na própria Europa, chegando ao Brasil de uma maneira mais teatral, “melodista”, sem tradição.

Em meados do século XVIII, cria-se um conservatório só para negros, de onde saíram cantores de alto escalão, a ponto de espantar Dão João VI. Este por sua vez provocou uma explosão de música no Rio de Janeiro, como pontua Andrade (2003).

Paralelo a isso, desponta o primeiro nome na música brasileira (obviamente ainda não longe de todas as influências já citadas): o padre José Maurício Nunes Garcia. Porém suas grandiosas obras não chegaram a ser publicadas, portanto não se tem registro de seu paradeiro.

Posterior a independência do Brasil, ocorre uma explosão de manifestações musicais dispersas pelo país, porém impactadas pela política, ocorrem de maneira mais empobrecida.

Em Pernambuco, Andrade (2003), nos diz que em meados de 1850, iniciou-se a mania de tocar piano, por meio de uma oficina de pianos, que lá acontecia. Um número significativo de orquestras nasce por todo país.

Em 1841 Dom Pedro II funda o Conservatório de Música (atualmente chamado de Escola Nacional de Música), assim como fundou também em 1857 a Academia Imperial de Música e Ópera Nacional. Esta última contemplou o país com óperas estrangeiras cantadas em língua nacional. Também na mesma instituição Carlos Gomes iniciou o melodrama, segundo relatos de Andrade (2003).

Na época do Segundo Império, relata Andrade (2003), que houve uma espécie de intercâmbio de músicos entre Brasil e Itália. Além desse fato, fundaram-se as primeiras sociedades instrumentais: Filarmônica em 1814, e o Clube Beethovem em 1882 no Rio de Janeiro, além do ClubeHaydn em 1883 em São Paulo. Nota-se aí só nos nomes das sociedades o pouco de nacionalismo que há em nosso país. Não se presta homenagem a nenhum brasileiro.

Na época da República a música em nosso país entra em decadência, devido a várias causas: *“a firmação radical; a libertação virtuosística nacional; o contraste entre a arte moderna e o povo; a hegemonia de Buenos Aires na música comercial.”* Mário de Andrade (2003, pg 169).

Na música popular brasileira, pode-se encontrar a colaboração dos povos indígenas com instrumentos como o chocalho, assim como o Cateretê ou Catira, que é uma dança de nome tupi. O Cururu surge da “ *fusão ameríndio-jesuítica*” Mário de Andrade (2003, pg 182). Denomina-se ameríndio jesuítica, a mistura da cultura dos povos indígenas, com a religião.

Ainda influenciados pelos povos indígenas, mais precisamente pelos guaranis e também pelos africanos, acrescentamos a esta história a nasalção, uma forma de cantar empregando o som nasal. Os negros nos trouxeram as coreografias, cheias de charme e sensualidade como o Maracatu, Maxixe, Samba, Habanera, o Tango, o Foxtrote e o Congo, conforme explicita Andrade (2003),.

Em se tratando de instrumentos, os que compunham o repertório da preferência popular eram a viola, sanfona, ganzá, puíta, violão, flauta, oficleide, clarineta, saxofone (devido ao Jazz), além dos instrumentos de percussão.

Como vimos, a música está em todos os lugares, em todas as situações, indo além de instrumentos e vozes. Ela pode tanto ser influenciada pelos movimentos sociais, como pode ser uma arma de colonização, de imposição de culturas e crenças.

Num país como o Brasil, onde (segundo considerações minhas), se vive uma ditadura disfarçada pela atitude de um simples voto, onde a ganância vem por cima da vida, onde pouco se cria e muito se copia a música pode ser considerada como um bem necessário.

É preciso então saber utilizar e saber ouvir, atentando-se nas entre linhas de cada estrofe, de cada refrão, seja nos comerciais, seja na escola, nas estações de rádio, durante um evento.

Por saber desse caráter perigoso da música, por amor a essa linguagem desde minha infância até os tempos atuais, considero de fundamental importância utilizá-la em sala de aula. Sendo assim, no próximo capítulo, discorrerei sobre a música na educação infantil, como se dá essa linguagem mágica e linda invadindo a mente de seres tão pequeninos, mas que já dominam e outras vezes são dominados por ela.

## 4. A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*“Pontuar música na educação é defender a necessidade de sua prática em nossas escolas, é auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua nova condição de indivíduo e cidadão.” Zampronha (2002, pg120)*

Por atender a diferentes aspectos do desenvolvimento humano, a música tem como função ser um agente facilitador integrador do progresso educacional. Não basta, porém, simplesmente colocá-la no currículo. Já basta o Brasil, que tem muita coisa no papel e pouco em prática.

O desenvolvimento do pensamento lógico do educando, pode ser desenvolvido utilizando a música, trabalhando raciocínio, sentimentos, de maneira interdisciplinar. “... a música “*educa*” os sentimentos, do mesmo modo que o cálculo matemático e a argumentação “*educam*” o pensamento.” ZAMPRONHA, (2002, pg 37).

Do ponto de vista da psicologia, a música é uma forma de comportamento humano, em suas relações com o meio físico e social. Ao colocar na sala de aula, uma música mais agitada, é comum vê os alunos dançando, sorrindo mais, pulando, falando, gesticulando. O oposto é notado quando se coloca uma música mais lenta, ou instrumental conforme comenta Bréscia (2003).

Foi interessante quando coloquei certa vez, uma música instrumental na classe, e uma criança me perguntou - Cadê a música? - respondi a ela que já estava sendo tocada. - Mas ninguém canta!. Achei engraçado, porém expliquei que existem vários tipos de música, inclusive as que não possuem voz humana, só a voz dos instrumentos.

Esse, creio eu, é o princípio do conhecimento dos gêneros musicais, mostrando as músicas de vários países, e as do nosso, valorizando-as, distinguindo-as e sabendo

escolhê-las, elegendo qual é apropriada para o momento, ou mesmo para se refletir a vida.

O ambiente da educação infantil é repleto de repertórios musicais. Muitos professores utilizam a música de maneira errada, quando não dominam esse assunto. Desprezam-se os sons da natureza; despreza-se o silêncio, que é um componente da música, como já fora relatado.

Demasiadas vezes, ao entrar em alguma classe (inclusive a minha, tempos atrás), ouvimos aquele som alto, as crianças gritando mais alto ainda, ferindo os limites dos decibéis, agitando, tanto as crianças como o docente, em momentos que não são de agitação.

É comum ouvir entre educadores que a música desperta a criatividade, propicia momentos para que a criança se expresse etc. Porém, uma mesma música pode ou não vir de encontro com esses objetivos, depende da maneira como é colocada.

Se utilizarmos, por exemplo, a seguinte música:

*“Caranguejo não é peixe...*

*Caranguejo peixe é...*

*Caranguejo só é peixe,*

*Na enchente da maré!*

*Olha palma, palma, palma...*

*Olha o pé, pé, pé...*

*Olha roda, roda, roda...*

*Caranguejo peixe é!!!!!!!!!!!!!!”*

(Autor desconhecido)

Ao colocar gestos e condicionar a criança a fazê-lo sempre da mesma forma, os objetivos propostos acima não são efetivados. Ao contrário, se for proposto que as crianças criem os gestos, a coreografia, enfim, por mais que a música seja sugestiva, posso dizer que um primeiro passo já foi dado.

Como a criança vai despertar e usar sua criatividade se ela já recebe tudo pronto? Para compreender melhor isso, basta olhar para o exemplo do desenho livre. A criança aprimora seus traços à medida que lhe vai sendo oportunizado desenhar livremente, o contrário aos desenhos prontos. Não que estes últimos serão excluídos,

mas tem que deixar que a criança tenha realmente o tempo para criar o seu desenho. Da mesma forma acontece com a música. Temos a mania de levar a música com os gestos todos prontos... Porque não deixar que a criança invente sua música? Mude a coreografia? Será que realmente damos oportunidade à criança para criar?

Outro equívoco que se comete também, é o de não atentar-se à letra da música. Às vezes ela pode ter uma melodia gostosa, pode possibilitar uma coreografia linda, mas é excludente, ou fora da realidade, como por exemplo, quando fala de comida, ou de família.

Canto com as crianças, porém com receio a música: “Chuva, chuvisco, chuvarada” do Cocoricó (Programa exibido pela TV Cultura), pois fala de uma realidade que nem todos vivenciam. Tomar chá depois que brinca na chuva, comer bolo de cenoura com cobertura de chocolate quente. Será que isto acontece em todas as casas? Trabalho em uma periferia! Será que os pais dos meus alunos têm condições de oferecer isso? Será que os alunos ficam com vontade? Veja a seguir a música na íntegra...

CHUVA, CHUVISCO, CHUVARADA  
(Hélio Ziskind) - Tv Cultura

Chove, mas como chove  
Chuva chuvisco chuvarada, pq q chove  
tanto assim? (repete)

Quando chove, a terra fica molinha, a  
grama fica verdinha...

E eu fico todo molhado,  
com o pé na lama,  
com o nariz tapado

Minha vó me chama:  
“menino, vem cá! Vem tomar chá”

“Vem comer bolo de cenoura, com  
cobertura de chocolate quente!”

Bom, muito bom, muito mais do que bom,  
é excelente!

Ó que tarde tão bela!  
Banana quente no forno com açúcar e  
canela (repete)

Chove, chove, chove  
Deixa chover  
Enquanto tiver bolo de cenoura a gente  
nem vai perceber

Chove, chove, chove  
Deixa chover  
Comendo banana quente a gente nem vai

perceber!

Quanto ao aspecto da religiosidade, há também escolas que são neutras, e preferem não trabalhar esse tema. Mas em algumas canções podemos encontrar algumas menções, insinuações a respeito desta ou daquela religião. Diferente é, quando o aluno traz a música para a escola. Veja na canção abaixo:

*“As flores já não crescem mais...  
Até o alecrim murchou!  
O sapo se mandou, o lambari morreu...  
Porque o ribeirão secou! (bis)  
...  
**Por isso eu vou pedir a Deus...**  
Com muito amor no coração....  
Que a chuva molhe o chão,  
E as flores brotem então, (bis)  
E a vida volte ao ribeirão!  
(Autor desconhecido)*

Na sala de aula, não deve prevalecer somente o que o educador traz. Os alunos também trazem músicas ou criam mediante uma situação, seja ela boa ou ruim. Isso foi muito pontuado nas aulas do PROESF: respeitar a bagagem da criança; deixar a criança no centro do processo e o professor como mediador e não como ator principal.

Como já disse, ouvir os sons do ambiente é uma atividade muito interessante, pois permite trabalhar percepção espacial, órgãos do sentido, etc. A criança pode construir um repertório de sons que ela ouve de casa até a escola, ou um repertório dos sons que ela gosta.

Devido a alguns acontecimentos na minha sala de aula, fui orientada pela direção a agir de uma maneira construtiva quando a criança trazer para a escola, CD, ou uma música que aprendeu, ou uma música que a família aprecia. Ou seja, não posso recusar o que a criança traz, por mais que o conteúdo seja impróprio. Mesmo porque às vezes nem a família, nem a criança, pararam para refletir sobre o que está sendo cantado.

Fui orientada mediante esta situação, discutir, interpretar a letra da música com as crianças, e perguntar se esta música é apropriada ou não, assim a criança vai criando o hábito de discernir o que é útil, e o que é fútil.

Dentro do trabalho com a música, é importante que se faça um trabalho com sons, com as propriedades da música: altura, intensidade, tempo, ritmo, timbre, memória tonal. A criança sem saber, já faz uso de algumas dessas propriedades sem mesmo saber que o faz, sem saber que quando o faz, repete um gesto muitas vezes cultural, que implica na sua expressão como por exemplo: quando a criança quer contar um segredo ela cochicha, quando quer cantar parabéns, canta em alto som, feliz com o aniversário.

A música também auxilia na fase de adaptação à escola, ou mesmo na comunicação não verbal. Crianças de educação infantil, muito pequenas, tendem a retrair-se e não ter contato com ninguém. Não falam, não murmuram, no máximo emitem sons com um determinado ritmo. Muitas vezes o educador conversa com essa criança, por meio de uma comunicação não verbal, ele tenta murmurar como a criança e vai conseguindo promover uma adaptação desta criança.

Na brincadeira, nesse murmurar, a criança já vai compreendendo, incorporando que naquele lugar não tem perigo, que ela pode confiar no educador, na equipe da escola, nos amigos. Creio durante o período de adaptação da criança ocorram situações em que *“A música sempre induz movimentos afetivos, que se processam na escuta por meio da vivência de estruturas que existem em nível de texto nela própria.”* ZAMPRONHA (2002, pg 24).

É preciso atentar-se aos medos que o educador “enfrenta”, quando vai cantar na sala de aula. Lembro-me que na disciplina de produção e conhecimento da matemática (durante o curso do PROESF), falei em um seminário, que por volta dos cinco, seis anos, a criança começa a despertar repúdio pelo erro. Teme errar, às vezes se retrai, deixa de fazer uma atividade para não correr o risco de errar.

Com a música, nós adultos passamos pelo mesmo problema: evitamos cantar, temendo o “constrangimento de *desafinar*”. Portanto, é importante saber que a afinação é um conceito social, que a sociedade constrói e que isso não deve ser motivo para não fazer uso da música, ou usar somente CD em sala de aula.

Música não é questão de dom, como nos ensina Craidy (2002), mas sim de hábito, assim como podemos adquirir o hábito pela leitura, também podemos fazê-lo com a música. Incentivar as crianças a produzir suas músicas é muito interessante.

Assim como construir seu próprio instrumento musical. Acredito que o gosto e o hábito pela música podem crescer beneficiando a criança, tornando a aula mais rica.

Quando falo em construção de instrumentos musicais, penso no que foi dito anteriormente, sobre a questão da interdisciplinaridade. Embora na educação infantil, não ocorra a segmentação de disciplinas (português, matemática, etc.), o educador quando vai trabalhar um projeto, o elabora, pensando o que está trabalhando com aquela sala de aula.

A educação infantil para mim, é a melhor escola para o professor entender o que é interdisciplinaridade. Eu aprendi a trabalhar interdisciplinarmente depois que comecei a lecionar no curso de educação infantil. Faculdade nenhuma, magistério nenhum, ensina o que é interdisciplinar como a educação infantil.

E quando penso na possibilidade de criar instrumentos com as crianças, penso nesta interdisciplinaridade, focada por Zamprona (2002). Vamos trabalhar com música, certo? Mas nessa construção de instrumentos, podemos utilizar sucata, já dando uma “pincelada” na educação ambiental, no reaproveitamento, na reciclagem; trabalhamos cálculos, mas não com fórmula fora do contexto, mas no tamanho desse ou daquele material, trabalhamos com a estimativa em cada passo que damos.

Quando for trabalhar com instrumentos musicais, Brécia (2003), sugere que o educador também o possa fazer de maneira mais lúdica, mais prática, fazendo a criança experimentar em cima de cada instrumento, permitindo que ela crie seu som, sua música. A classe pode até criar uma canção em cima dos instrumentos que conheceu, a partir da experiência que tiveram com cada um. Uma música que a professora pode usar como recurso, é a do mestre André:

*“Foi na loja do mestre André,  
Que eu comprei um pianinho,  
Plin, plin, plin um pianinho.*

*Ai olé, ai olé  
Foi na loja do mestre André (bis)”*

e a música continua com outros instrumentos, imitando seus sons, e até mesmo, com os instrumentos seguindo o ritmo da música.

Manusear os instrumentos, assim como criá-los, criar coreografias também é trabalhar com música. Muitos pensam que música é só cantar! Mas ela vai além, pois permite experiências concretas, desde experimentar o instrumento, assim como criá-lo, separar os instrumentos por sons, seriá-los. Isso também auxilia no desenvolvimento cognitivo da criança.

Será notado, mesmo trabalhando com a música, que situações de jogos repetir-se-ão: disputa por esse ou aquele instrumento, uma criança querendo liderar a turma, outra que se mantém fora da situação. Contrário à época da bandinha rítmica, o trabalho com a música na sala de aula, permite uma aula menos autoritária, onde a criança faz seu repertório ao invés do professor, a criança é uma participante ativa do processo.

Penso que deixar a criança criar, não implica na “pedagogia do vale tudo”, no espontaneísmo! Britto, (2003) frisa que o educador no seu papel de mediador tem que orientar, sistematizar, permitir que a criança amplie seu repertório e tenha oportunidade de se expressar verdadeiramente.

Britto (2003), refere que a música não pode ser tratada como algo pronto, nem ser reduzida a datas comemorativas, nem reduzida a objetivos que se quer alcançar! Não que isso não deva ser feito, que é um pecado, mas deve-se ir além.

Além do compor música a criança, segundo Brito (2003), ainda tem mais duas possibilidades de ação: a interpretação, que implica na imitação e reprodução de uma obra; embora a possibilidade de ir além da imitação seja nula. Há também o improvisar que consiste em criar instantaneamente.

A música enquanto linguagem deve ser trabalhada na sala de aula, quando se faz um trabalho vocal, jogos rítmicos, ou que contenham som, movimento, dança ou os de improvisação. Outra atividade que pode ser realizada na educação infantil é a sonorização de histórias, sugere a autora citada no parágrafo anterior.

Qualquer material sonoro pode ser utilizado para fazer música. Sendo assim, Brito (2003) considera que qualquer propagador de som, pode ser chamado de *fonte sonora*. Na educação infantil, ao se trabalhar com música, deve-se reunir grande quantidade de fonte sonora. Inclusive pode ser mostrado às crianças, o filme Tarzan. Neste filme há uma cena em que os gorilas fazem som utilizando objetos dos humanos. É um meio de se produzir música. É interessante utilizar instrumentos bonitinhos, mas a improvisação também envolve isto.

Os instrumentos musicais, segundo Brito (2003), podem ser divididos em três categorias: *instrumentos de corda* (geralmente com arco e que produzem som

dedilhando-se as cordas), *instrumentos de sopro*: (cujo material varia entre madeira ou metal) e os *instrumentos de percussão* (de diferentes alturas).

A mesma autora refere que a criança deve se informada sobre essa classificação, porém antes de falar-lhe, podemos solicitar que ela faça uma classificação. Pois a classificação que foi padronizada pelos músicos, pode apresentar diferença da classificação da criança, e não necessariamente a da criança está errada. Eu acredito que assim como a afinação é um conceito social, porque não a seriação dos instrumentos?

A criação de fontes sonoras, além de trabalhar uma série de conceitos com as crianças, auxilia no enriquecimento do trabalho, rompendo com as limitações da bandinha rítmica.

Além dos instrumentos temos também um recurso muito potente, muito conhecido e muito utilizado, não só na música, mas durante toda a nossa vida: a **VOZ!** Nossa capacidade de produzir som é muito grande e muito significativa desde a mais tenra idade. Os bebês, por exemplo, se comunicam pelo choro, além de reproduzir sons vocais que ouvem.

O trabalho com a voz deve envolver brincadeiras, onomatopéias, ruídos, reproduzir o som das vogais e das consoantes (pondo ênfase na formação labial), conforme relata Brito (2003). Esse trabalho implica na escolha de um local apropriado, acolhedor, que não comprometa a voz infantil. Esta, por sua vez, deve ser alvo de observação do professor, a fim de verificar se a criança tem voz rouca, se faz força para falar, se grita ao invés de falar. Nesses casos, a criança deve ser encaminhada para uma pessoa especializada no assunto, para que se verifiquem eventuais problemas e estes sejam solucionados.

Outra questão é que cantar fortalece o vínculo da criança com o grupo e, por sua vez, do grupo com o docente. Inclusive, fica fácil contextualizar a rotina da sala de aula: Eu, por exemplo, canto com as crianças na entrada, no lanche, no parque e na hora de ir embora! Às vezes opto por não cantar, mas colocar uma música nos momentos finais de aula, que acalme a criança.

Contudo, conforme discussão em reunião com minha vice-diretora, alguns cuidados devem ser tomados, como: cantar num tom adequado nem muito grave, nem muito agudo; mesmo utilizando as músicas da rotina não se deve cantar mecanicamente, para que não ocorra monotonia. Para tanto, o professor pode lançar mão do auxílio das crianças, para que tragam canções novas, para que se inovem os gestos feitos em cada

uma delas, os ritmos, criando assim uma variação, conforme discutido também nas aulas de artes, currículo e educação física no curso de Pedagogia do PROESF.

Ainda segundo Brito (2003), cantar coletivamente é muito importante, pois auxilia no desenvolvimento da atenção, concentração, cooperação e espírito de coletividade. Outro ponto fundamental é apresentar às crianças o cancionário infantil tradicional, a música popular brasileira, a música regional, assim como de outros povos. Pode ser feito um levantamento das semelhanças e diferenças entre cada estilo, entre cada povo.

Lembro-me que na aula de produção em artes, na UNICAMP, discutimos que não só as músicas infantis devem fazer parte do repertório da sala de aula. A criança deve conhecer diferentes gêneros e eleger o seu preferido. Também não se deve concentrar somente nos cantores mais populares. Muitas crianças já conhecem a coleção do “Xuxa Só Para Baixinhos” do primeiro trabalho ao último, mas desconhecem a riqueza das canções de Bia Bedram, Toquinho, Caetano Veloso, etc.

É muito importante embalar o bebê e cantar ao mesmo tempo. Nesse caso a música terá a função de relaxamento e possibilitará ao bebê um sono tranquilo. No entanto, quando cantar “cantiga de ninar” ou acalantos, atenção... pois em geral suas letras mais ameaçam a criança do que a tranquilizam. Ainda bem que quando criança não me atentei às letras. Vejamos um exemplo:

*“Nana, nenê  
Que a cuca vai pegar!  
Papai tá na roça,  
Mamãe no cafezã!  
  
Bicho papão  
Sai de cima do telhado  
Vem ver esse menino,  
Dorme um sono sossegado!”*

Dentro da música de cultura infantil podemos encontrar além do acalanto, as parlendas e os brincos, conforme nos diz Brito (2003). Há também os brinquedos de roda, que comportam poesia, música e dança. Várias são as culturas envolvidas neste aspecto, como a lusitana, espanhola, africana, ameríndia e francesa.

Neste gênero, é de grande valia que o professor resgate as brincadeiras tradicionais, e as mostre às crianças, tanto da sua infância, quanto dos pais delas. Num dia de integração com a família, isso pode ser vivido na prática, discutindo com a criança a diferença do brincar de hoje, com o de antigamente; onde não havia tantos brinquedos eletrônicos, que praticamente nem precisam da criança, pois ele faz tudo sozinho, com apenas um toque no botão “*on*”. Refiro-me a esta atividade de integração pois já realizei esta experiência na escola onde leciono; além do mais esta possibilidade também foi discutida em várias disciplinas do PROESF.

A improvisação, por sua vez, tem de se fazer presente por contemplar conteúdos simbólicos, sensório motores.

*“Na maior parte dos casos elas (crianças) improvisam, cantando e contando histórias, casos etc. Algumas vezes, no entanto, podem fixar e repetir muitas vezes a mesma ‘invenção’. É importante estimular a atividade de criação, e, a princípio, é preferível deixar que a criança invente – letra e melodia – sem a interferência do adulto. Podemos, no entanto, sugerir temas,... ou ajudar a organizar as idéias das crianças,... com o cuidado de não conduzir a composição para o modo adulto de perceber e expressar.” Brito, (2003, pg 135)*

A história tem que fazer parte do cotidiano das crianças, pois desenvolvem a linguagem oral, ampliando o vocabulário, segundo a autora acima citada. Sonorizar a história a deixa melhor, desperta a atenção de bebês e crianças. Porém é preciso entonação, sabendo mudá-la cada vez que muda cada parte da história, o personagem, ou o “clima da história” (descontraído, suspense, medo, alegre). Porém não precisa de nenhuma graduação em arte para isso! Não é tão complicado como parece!

Para tanto, há de escolher com carinho a história a ser contada e também, se preferir, além de sonorizá-la, pode contar com a ajuda de alguns objetos do cotidiano, como faca, garfo, copo, como passava a um tempo atrás na TV Cultura!

O trabalho com a *música* é de inúmeras possibilidades, basta que a criança e professor usem sua *criatividade*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi muito rico para mim, pois falei de duas paixões: a educação infantil e a música, relacionando-os, mostrando os benefícios e os riscos da *música na educação infantil*.

Durante a elaboração deste, pude refletir sobre momentos de discussões no PROESF, sobre minha prática, assim como de textos sobre o tema discorrido. Creio, meu caro leitor que você, assim como eu, tenha se espantado com a pouca valorização da educação infantil em pleno século XXI, além de espantar-se com o uso indevido da música, de maneira que sirva de instrumento de dominação, conforme fora mostrado.

Cabe a nós, educadores, trabalhar a música como uma das muitas linguagens que a criança irá aprender, visto que a música na educação infantil é um recurso muito rico, pois dentre muitas possibilidades, permite que a criança crie, explore.

A música tem como papel promover o lazer, e promover o ser humano acima de tudo, porém cabe ao educador, evitar o espontaneísmo. Contudo o educador não pode ser o centro das atenções... o professor deve permitir que a criança crie, porém com orientações, mediando, interferindo em cada situação. Ao promover o ser humano acima de tudo, a música se torna importante na formação de crianças com necessidades especiais.

Inúmeras são as atividades, inúmeros são os recursos, por isso a música na educação infantil deve fazer-se presente, garantindo à criança um desenvolvimento pleno: social, físico e mental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário. *Música, doce música*. São Paulo: Martins, 2ª edição, 1976.

ANDRADE, Mário. *Pequena história da música*. Belo Horizonte: Itatiaia, 10ª edição, 2003.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. *Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva*. Campinas: Átomo, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peneirópolis, 2003.

BRUNO, Marilda & HEYMEYER, Úrsula. *Educação infantil – Referencial curricular nacional: das possibilidades às necessidades*. Rio de Janeiro: Benjamin Constant, nº 25, pg de 9-13, Agosto de 2003.

CASTRO, Amélia Domingues de. *Piaget e a pré-escola*. São Paulo: Kosmos editora, 1983.

CRAIDY, Carmem Maria. *Educação Infantil: pra que te quero?*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de & PALHARES, Marina Silveira. *Educação Infantil pós LDB: rumos e desafios*. Campinas: Autores Associados, 5ª edição, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Educando a infância brasileira *in: 500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KINCHELOE, Joe L. Esqueceram de mim e Bad to the Bone: o advento da infância pós-moderna *in Cultura Infantil: A construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MARCELLINO, Nelson C. Lazer e infância – o furto do lúdico: Implicações para o processo educativo *in: MARCELLINO, Nelson C. Pedagogia da Animação*. Campinas: Papirus, 1990

SUZIGAN, Geraldo do Oliveira. *O que é música brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

VYGOTSKY, Liev Semiónovich. *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: UNESP, 2002.